

“O Fio e a Meada”, de Batista de Lima

Giselda Medeiros

“O fio é artéria; a meada, coração.”

Ao metaforizar os dois elementos (*fio* e *meada*) do título de seu mais recente trabalho, o professor Batista de Lima, Mestre em Literatura, com exercício na Universidade de Fortaleza e na Universidade Estadual do Ceará, transpôs para o título do seu livro toda uma carga imagética, sugerencial do trabalho desenvolvido pelo escritor. Inteligente e criativa metáfora, uma vez que é o fio, até então enrolado na meada, ou seja, em seu estado inicial de inércia, que vai, ponto a ponto, comandado pacientemente pelo artesão, libertando-se, tomando forma, transformando-se em meandros de arte, até o acabamento da obra, quando passará a ser um todo observado, admirado, estudado, decodificado.

E foi assim, com a paciência dos grandes artesãos, que o professor Batista de Lima modelou sua obra. De posse do *fio* e da *meada*, ele nos teceu um livro que vem preencher uma grande lacuna, que é o estudo de obras de autores cearenses. Na realidade, poucos são os estudiosos que se dão a esse trabalho, quando muitos preferem ir buscar *fio* e *meada* importados, por pensarem ser estes, sempre, de melhor qualidade. No entanto, esquecem-se (cito aqui apenas um exemplo) de que temos um Moreira Campos que não fica aquém dos melhores contistas brasileiros. E é, justamente, sobre o “Mestre do Conto”, nosso querido e inesquecível Moreira Campos, o melhor trabalho de “O fio e a Meada”, em cuja obra Batista de Lima penetra com a facilidade dos grandes escafandristas para resgatar-lhe as gemas, montando e desmontando os malabarismos estéticos e lingüísticos da obra desse gênio do conto. Lendo “A Ordem e a Desordem na Escritura de Moreira Campos”, fica-se conhecendo, a fundo, todo o universo da criação deste ficcionista não superado, até hoje no Brasil, no total de contos publicados (137).

O estudo, em questão, constitui sua tese de Mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, em cuja apresentação adverte-nos Batista de Lima: "... cuidamos de não seguir em direção ao biografismo, nem aos apelos oriundos da forte carga erótica da escritura do autor, nem ao indireto e leve apelo social que a mesma apresenta. Desses aspectos, utilizamos só o necessário para complementar o nosso objeto de pesquisa". Com efeito, preferiu o autor resvalar pelas margens da literariedade do contista, perscrutando-lhe as características estéticas e a maneira pela qual administra o tempo, com seus efeitos corrosivos, tendo a morte (quase sempre *humanizada*), como o ápice dessa corrosão.

Seguindo a este estudo sobre Moreira Campos, Batista de Lima começa a puxar o *fião* da *meada* das Antologias publicadas no Ceará, desde 1922, mostrando-nos, ora os acertos, ora os erros cometidos pelos seus organizadores. Segue-se a este uma carta de Sânzio de Azevedo, que assim se pronuncia: "recebi sua conferência sobre as antologias cearenses. É um trabalho interessante, e de modo geral está bom, mas gostaria de fazer algumas observações, que o mestre Dolor chamaria de 'achegas ou adminículos', e vou por partes:" E, em doze "achegas", Sânzio de Azevedo expõe seu pensamento de pesquisador atento à veracidade dos fatos relatados pelo professor Batista de Lima.

Outro trabalho de destaque, no livro, é "O Itinerário do Efebo no Bom-crioulo", em que a análise do personagem Aleixo, na trama do romance naturalista de Adolfo Caminha, "O Bom-crioulo", segue este ritual metafórico: *a doação, a iniciação, a emancipação, a imolação e a instauração*. É, pois, referendado por esse ritual que Batista de Lima procura desfocar o personagem Amaro (o bom-crioulo) para ceder a Aleixo a verdadeira posição de referencial da trama, de vez que, segundo Batista de Lima, é nele que se condensam as principais teses naturalistas presentes no corpo da obra.

Prosseguindo em sua *fição*, Batista de Lima nos dá mostras dos grupos literários surgidos no Ceará, bem como das dificuldades enfrentadas pelo escritor cearense na divulgação e distribuição (mais do que na editoração), de sua obra, obrigam-

do-nos a importar “uma cultura livresca sem, em contrapartida, encaminharmos para as fontes do Sudeste, principalmente, o que aqui produzimos”.

Incorporam-se a esses trabalhos muitos outros ensaios sobre autores cearenses, dentre eles: “Sânzio de Azevedo e Seus Ensaios de Literatura Cearense”; Nilto Maciel e a Guerra de Palma”; “A Poética de Juarez Leitão”; “Carlos Augusto Viana: o Empalhador de Primaveras”; “Valdy Sombra e a Saga da Canoa Doida”; “O Grande Pânico, de Airton Monte”; “Os Poemas de Sinésio Cabral”; “Barros Alves e o Cordel”; “As Crônicas de Dias da Silva”; “Homens e Mulheres na Memória de Francilda Costa”; “O Lote Clandestino, de Adriano Spínola”; “Carlos Emilio e a Coluna de Clara Sarabanda”; “Os Contos de Paulo Veras”; “A Fluência na Nova Poesia de Floriano Martins”; Horácio Dídimo: o Afinador de Palavras”; “Os Contos de Tércia Montenegro”; “O Domingo e a Maturidade em Regine Limaverde”; “Dimas Carvalho e o Acaraú no Mapa Múndi”; “Pedro Henrique Saraiva Leão e o Jogo dos Contrastes”.

Não é à toa, pois, que o professor Batista de Lima, membro efetivo da Academia Cearense da Língua Portuguesa e da Academia Cearense de Letras, alteia-se entre os seus contemporâneos pela inteligência, pelo brilho de sua palavra fecunda, pelo interesse em valorizar a cearensidade, pelo profissionalismo responsável.

Por tudo isso, “O Fio e a Meada” deve ser lido, apreciado, degustado, por tratar-se de uma obra de imensurável valor, não só literário, mas, sobretudo cultural, com destaque, também, para a leveza com que o autor conduz seu pensamento, aquela leveza própria de quem sabe do ofício e conhece os segredos do seu manuseio.